

Laboratório Multiuso Audiovisual de Pesquisa Etnográfica: uma experiência de pesquisa, ensino e extensão¹

Alexsânder Nakaóka Elias (Unimontes/MG)

Felisa Cançado Anaya (Unimontes/MG)

Palavras-chave: Antropologia Visual; Povos e Comunidades Tradicionais; Laboratório Multiuso Audiovisual.

Resumo: Este trabalho tem como objetivo elucidar a experiência de pesquisa, ensino e extensão desenvolvida, desde 2024, no âmbito do “Núcleo Interdisciplinar de Investigação Socioambiental” (NIISA/Unimontes), a partir da implantação do “Laboratório Multiuso Audiovisual de Pesquisa Etnográfica com Povos Tradicionais e Desenvolvimento Sustentável”, financiado pela Fapemig/MG. O projeto possibilitou a aquisição de equipamentos de fotografia, cinema e som, de uma ilha de edição de áudio e vídeo, bem como a incorporação e a formação de pesquisadores/as doutores/as no campo da Antropologia Visual, contribuindo para a elaboração e experimentação de metodologias audiovisuais no campo etnográfico. Nesse período, o Laboratório ofertou disciplinas na pós-graduação, oficinas em linguagens audiovisuais, realizou etnografias filmadas das discussões sobre Protocolos de Consulta Livre, Prévia e Informada junto às comunidades tradicionais vazanteiras e quilombolas do médio São Francisco (Lapinha, Pau Preto, Pau de Léguas e Quilombo de Praia), organizou Mostras locais e nacionais de Filmes Etnográficos e de Fotografia sobre a temática dos Povos e Comunidades Tradicionais (PCTs) e produziu oito entrevistas etnobiográficas junto à lideranças comunitárias, que atualmente se encontram no estágio de decupagem e transcrição. Desses processos resultou um acervo profícuo, constituído por etnobiografias, fotografias, filmagens, áudios, desenhos e diários de campo, um material heteróclito composto por múltiplas “grafias” (Ingold, 2012, 2015). Além disso, o Laboratório, a partir da criação do grupo de estudos “Toró”, vem se consolidando como um importante espaço de pesquisa, ensino e extensão, formado por docentes e estudantes de graduação e pós-graduação, dos mais variados campos do conhecimento (Antropologia Social, Direito, Cinema e Audiovisual, Artes Visuais, Biologia, Psicologia, etc.). A incorporação das

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026).

tecnologias audiovisuais como dispositivos etnográficos, junto ao NIISA, tem contribuído para a formação teórico-metodológica de seus/suas integrantes, que vêm realizando pesquisas interculturais, de longa duração, junto aos PCTs com quem trabalha. Um diálogo que permite a continuidade empírica das experiências de campo, fortalecendo o compromisso ético-político com os grupos étnicos da região, ao investir em processos formativos situados e na produção de uma Antropologia Audiovisual compartilhada (Rouch, 1955).

Introdução:

Este trabalho encontra-se no escopo da implantação de um laboratório de Antropologia Audiovisual e da Imagem no NIISA voltado para o tripé ensino, pesquisa e extensão, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social (PPGDS) da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). O objetivo principal é a realização de formação teórica, metodológica e prática sobre Antropologia Audiovisual (especificamente voltada para as linguagens da fotografia, vídeo, desenho, cinema e podcast) para os/as pesquisadores/as do núcleo e, posteriormente, junto às lideranças dos povos e comunidades tradicionais do Médio São Francisco, com quem realizamos nossas pesquisas de campo. Aqui, tomamos como parâmetros de referência o projeto “Vídeo nas Aldeias”, criado em 1986 pelo casal de antropólogos/as Vincent Carelli e Virgínia Valadão; além do célebre trabalho de Jean Rouch e o potente e instigante conceito de “etnoficção” (1955, 1958, etc.).

Os povos vazanteiros se constituem como comunidades tradicionais que habitam as áreas inundáveis do Médio São Francisco, na região norte de Minas Gerais, tendo fortes raízes e ancestralidades indígenas e negras, além de incorporarem os modos de vida e de trabalho ribeirinhos. Suas “experiências de vida” (Kofes, 2001, 2015; Benjamin, 1987, 1994; Gonçalves, 2012; Ingold, 2012, 2015; Nakaóka Elias, 2018; etc.) se dão em uma “malha” (Ingold, 2015) com o rio, incluindo suas formas de morar e prover o sustento, seja pela pesca, agricultura, criação animal e/ou extrativismo, sempre associados aos ciclos da enchente, cheia, vazante e seca.

O “Vídeo nas Aldeias” (VNA), criado em 1986, é um projeto seminal na área de produção audiovisual indígena no Brasil, que surgiu dentro das atividades da ONG “Centro de Trabalho Indigenista”, como uma experimentação realizada pelo antropólogo

franco-brasileiro Vincent Carelli entre os Nambiquara, apoiado por sua companheira, a também antropóloga Virgínia Valadão. O intuito central da proposta era o de apoiar as lutas dos povos tradicionais a partir da manutenção e do fortalecimento de suas identidades e patrimônios materiais (incluindo os territórios ancestrais) e imateriais (sua cultura e seus modos de vida), por meio da produção audiovisual compartilhada.

Inicialmente, a equipe do VNA realizava as filmagens e as apresentava aos/as interlocutores/as indígenas, gerando um engajamento crescente, nos moldes que nos remete ao processo produtivo e reflexivo de Jean Rouch que, principalmente na década de 1950, já realizava filmes entre povos tradicionais africanos. Com o conceito de “etnoficção” apresentado em suas obras (1955, 1958, etc.), Rouch de certa maneira antecipou a chamada “antropologia compartilhada” (Hikiji, 2013; Heusch, 2006), realizando obras que misturavam características dos documentários clássicos (tomados como reais e objetivos) e das ficções (consideradas como narrativas totalmente inventadas, pertencentes ao imaginário), construídas a partir de personagens “reais”, encenados por “atores” que desempenhavam o seu próprio papel como membros de um grupo étnico e/ou social. Ao apresentar, desde os primórdios, um grande potencial produtivo, reflexivo e epistêmico, o alcance do VNA se expandiu gradativamente a outros grupos étnicos, originando uma série de vídeo sobre como cada comunidade tradicional se apropriava e incorporava o vídeo/cinema como prática expressiva particular.

Em 1997, 11 anos após sua criação, o VNA iniciou a etapa seguinte, com novas e complexas proporções, a partir da realização da primeira oficina de formação, que ocorreu na aldeia Xavante de Sangradouro, estado do Mato Grosso. A equipe do “Vídeo nas Aldeias” começou, então, a distribuir equipamentos, como câmeras de vídeo e de exibição para que, além das produções feitas pelos/as antropólogos/as-cineastas, os/as próprios/as indígenas representassem suas experiências de vida e as pudessem compartilhar com outros povos participantes do projeto, promovendo o intercâmbio (por meio dos filmes mas também “ao vivo”) entre as comunidades tradicionais.

Já no ano 2000, o “Vídeo nas Aldeias” se constituiu como uma ONG independente, reunindo um importante acervo de imagens e narrativas mitológicas sobre os povos indígenas no Brasil, que conta atualmente com mais de 70 filmes. Além do suporte técnico e financeiro para a viabilização da produção indígena, o VNA busca oferecer uma formação de qualidade, com treinamento contínuo e aprofundado a partir de oficinas de capacitação de um mês de duração, realizadas nas aldeias. Segundo a

descrição do site do projeto, tal formação se dá em quatro etapas: roteiro, captação de imagens, análise crítica do material captado e edição, que inclui em sua dinâmica a interação da comunidade em todas as etapas desse processo. Além disso, na sede do projeto (em Olinda/Pernambuco) se realiza a edição, finalização e distribuição dos filmes etnográficos. Dessa forma, o VNA ainda contribui, é importante destacar, para que o público não-indígena entre em contato com essas outras ontologias.

A partir desse referencial basilar, o projeto do Laboratório Audiovisual, fundado como parte da estrutura do NIISA-UNIMONTES, busca desde a sua implementação fomentar a qualificação acadêmica, a formação profissional de seus/suas pesquisadores/as e dos/as comunitários, além de promover a divulgação, a comunicação científica e o fortalecimento de redes de pesquisas. O objetivo, portanto, sempre foi implementar um laboratório próprio com ferramentas e dispositivos digitais das chamadas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) com o intuito de ampliar, fortalecer, popularizar e publicizar ações de ensino, pesquisa e extensão, atendendo as demandas de distintas instituições do Estado, da sociedade civil e, principalmente, dos grupos étnicos com os quais trabalhamos. A criação do Laboratório Audiovisual do NIISA vem permitindo, assim, o envolvimento de um amplo conjunto de pesquisadores/as que atuam nas pesquisas com PCTs e em variados níveis de formação.

Realizações nos âmbitos do ensino, pesquisa e extensão:

O viés metodológico aqui adotado, conforme mencionado, está embasado no conceito de “etnoficção” e no projeto “Vídeo nas Aldeias”. Além disso, nosso Laboratório, ao integrar o conjunto de atividades desenvolvidas pelo NIISA, faz uso de metodologias qualitativas do campo etnográfico já utilizadas pelo núcleo, a saber: observação participante (Malinowski, 1922), produção de diários de campo, entrevistas e narrativas gravadas, relatos de histórias de vida, produções audiovisuais e realização de oficinas e cursos.

Este projeto, portanto, busca fortalecer o trabalho que vem sendo realizado pelo NIISA por meio de pesquisas que intencionam a produção e a circulação de produtos audiovisuais junto às comunidades quilombolas vazanteiras do Médio São Francisco. Tais iniciativas permitirão, dessa forma, a constituição de acervos audiovisuais realizados pelos/as pesquisadores/as, em plena colaboração com os/as interlocutores/as; assim como

estimular, por meio da formação técnica e reflexiva, os povos tradicionais a elaborarem suas próprias re(a)presentações dos seus modos de vida, trabalho, mitologia e saberes.

Nesse sentido, nosso trabalho almeja desempenhar um relevante papel no apoio à luta das comunidades pelos direitos de existir, resistir, se expressar e manter a permanência em seus territórios, perpassados por conflitos nos mais diversos âmbitos e instâncias. Iniciativas como a aqui proposta, de fato, possuem a potencialidade de contribuir nos processos de documentação e preservação dos conhecimentos ancestrais, proporcionando o alargamento de uma base sólida para reivindicações históricas e culturais desses grupos. Além disso, ao evidenciar as histórias de vida (etnobiografias) das lideranças que fazem parte de tais comunidades, é possível colocar em relevo a importância dos chamados “patrimônios vivos”, pessoas dotadas de notório saber, além do conhecimento meramente legitimado pela academia. O intuito, assim, é o de contribuir para o embasamento da luta pela preservação dos territórios e o do direito dessas comunidades, além de orientar políticas públicas que reconheçam e respeitem os modos de vida tradicionais dos povos quilombolas do Médio São Francisco mineiro.

Ademais, o Laboratório também desempenha um papel educacional em múltiplos níveis, seja propiciando o aprendizado das técnicas, metodologias e epistemologias da Antropologia Audiovisual pela comunidade acadêmica e pelos povos tradicionais contemplados, como informando e conscientizando um público amplo (sociedade civil, instâncias governamentais e ONGs, etc.) sobre a riqueza cultural e ecológica² associada a essas comunidades, além dos preconceitos e estereótipos que o mundo “civilizado” e “ocidental” colocam como imperativo para subjugar o “outro”.

Em relação às atividades de campo, o ano de 2024 contou com uma intensa agenda de pesquisa. Na primeira delas, realizada em abril do referido ano, os/as pesquisadores/as visitaram os Quilombos da Lapinha e Praia e as Comunidades Vazanteiras de Pau Preto e Pau de Légua. Na ocasião, o grupo do NIISA, em parceria com o “Observatório de Protocolos Comunitários da Universidade Federal da Grande Dourados” (UFGD), ministrou uma “Oficina de Protocolos de Consulta Livre, Prévia e Informada”, cujo objetivo era contribuir para a garantia dos direitos das comunidades, que podem encontrar na elaboração de seus protocolos uma forma de proteção de seus territórios e de seus

² Sobre Antropologia Ecológica, ver o trabalho de Velho (2001), intitulado “De Bateson a Ingold: passos na constituição de um paradigma ecológico.”

modos de vida. Na segunda saída de campo, realizada entre em maio, visitamos as mesmas comunidades, com o intuito de dar prosseguimento às oficinas de protocolos de consulta livre, prévia e informada. Realizamos, ainda, uma terceira incursão para as quatro comunidades, em julho do mesmo ano, com o intuito de dar prosseguimento às oficinas.

Além dessas três saídas etnográficas, o ano foi marcado pela organização e realização do “VII Colóquio Internacional de Povos e Comunidades Tradicionais: primavera dos povos rumo à COP 30 – Ancestralidade, Justiça Climática e Direitos Territoriais!”, entre os dias 09 e 13 de setembro de 2024. O evento contou com a realização da “I Mostra Fotográfica e de Filmes Etnográficos João Roberto Ripper – Menção Honrosa Edgar Xakriabá de Fotografia”, com a participação de 07 ensaios fotográficos e 03 filmes etnográficos, voltados para a temática central do encontro. O ponto máximo do colóquio se deu nos dois últimos dias do evento, com diversas atividades sendo realizadas dentro do território do Quilombo da Lapinha.

Também em 2024 oferecemos, em parceria com o NUPEPA-ImaRgens/USP, o Instituto de Comunicação da NOVA/FCSCH (Lisboa, Portugal) e o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS/Navisual, a “2ª Oficina Especial de Audiovisual”. O objetivo do curso foi oferecer aos/as participantes um aporte técnico e teórico introdutório, mas fundamental, para viabilizar a produção dos seus próprios filmes em formato digital, a partir da apresentação de conteúdos e concomitante proposição de exercícios que facilitem o trabalho dos/as alunos/as, na realização do planejamento, organização, execução/captação e finalização de seus materiais audiovisuais.

Abaixo, relatamos outras atividades importantes que realizamos desde a criação do Laboratório Audiovisual:

- I Oficina de Montagem (NIISA/NUPEPA, 2024), atividade de extensão voltada para discentes de graduação e pós-graduação.
- Oficina de comunicação popular, ministrada no VII Colóquio Internacional de Povos e Comunidades Tradicionais (2024).
- I Oficina de Fotografia (2025), atividade de extensão voltada para discentes de graduação e pós-graduação.

- I Oficina de Photoshop (2025), atividade de extensão voltada para discentes de graduação e pós-graduação.
- I Oficina de análise de imagens (2025), atividade de extensão voltada para discentes de graduação e pós-graduação.
- I Oficina de Produção Audiovisual para fins educativos (NIISA, em parceria com o curso de Psicologia da Unimontes, 2025), atividade de extensão voltada para discentes de graduação.
- Disciplina “Povos Tradicionais, Etnografias Audiovisuais e Imagéticas”, para discentes de pós-graduação (mestrado e doutorado), ministrada pelos/as professores/as Dr(a)s Alexsânder Nakaóka Elias e Felisa Cançado Anaya (2025/02), que resultou na saída de campo para cobertura do “X Encontro” e na mostra fotográfica e audiovisual “Cangira” (2026/01).
- Disciplina “Experiências Etnográficas e Pesquisas Interculturais”, para discentes de pós-graduação (mestrado e doutorado), ministrada pelos/as professores/as Dr(a)s Alexsânder Nakaóka Elias e Felisa Cançado Anaya (2024/02), que resultou na produção de narrativas visuais sobre o mercado público de Montes Claros e no artigo “Experiências etnográficas e pesquisas interculturais a partir de narrativas fotográficas no Mercado Central de Montes Claros-MG” (2025).
- Produção dos curtas-metragens “Tambores de resistência” (2024) e “Sonhos Kanã Mihay” (2024).
- Em produção: 08 etnobiografias a partir dos relatos de vida de lideranças dos quilombos de Praia e Lapinha, e das comunidades vazanteiras de Pau Preto e Pau de Légua, em saídas de campo realizadas em setembro de 2025 e junho de 2026.
- Disciplina “Olhar in(con)formado: Antropologia Visual, Povos Tradicionais e Interculturalidade”, para discentes de pós-graduação (mestrado e doutorado), a ser ministrada no segundo semestre de 2026, pelos/as professores/as Dr(a)s Alexsânder Nakaóka Elias e Felisa Cançado Anaya.



Fotografia 01: Campo para a realização dos documentários etnobiográficos com lideranças de quatro comunidades tradicionais (setembro de 2025).



Fotografia 02: Campo para a realização dos documentários etnobiográficos com lideranças de quatro comunidades tradicionais (setembro de 2025 e junho de 2026).



Fotografia 03: Campo para a realização dos documentários etnobiográficos com lideranças de quatro comunidades tradicionais (setembro de 2025).



Fotografia 04: Oficina de análise de imagens (2025).



Fotografia 05: Oficina de análise de imagens (2025).



Fotografia 06: Oficina de fotografia (2025).

Também é importante destacar que o Laboratório subsidia, atualmente, o grupo de estudos “Toró”, coordenador pelo professor Dr. Alexsânder Nakaóka Elias, que realiza reuniões semanais para a elaboração de documentários etnográficos, ensaios e mostras (fotográficas e audiovisuais) e discussões de textos e projetos de discentes, que dialogam com os eixos centrais do Laboratório. Além disso, o Laboratório iniciou em 2026 o subprojeto “Antenas em Movimento”, destinado à realização de oficinas de formação audiovisual, de comunicação popular e de capacitação em novas tecnologias digitais, junto a jovens indígenas Xakriabá (São João das Missões-MG) e das comunidades quilombolas de Lapinha e Praia (Matias Cardoso-MG).

Considerações finais:

O principal impacto que tem sido alcançado por intermédio da implementação do “Laboratório Multiuso Audiovisual de Pesquisa Etnográfica em Povos Tradicionais e Desenvolvimento Sustentável” é o incremento da qualificação e articulação do trabalho dos/as pesquisadores/as e estudantes do NIISA, que atualmente compartilham o espaço estruturado e os equipamentos adquiridos. Esta estruturação incide diretamente nas formas de ensino, pesquisa e extensão tão caros às universidades públicas de ponta no Brasil. Em termo de ensino e pesquisa, o Laboratório possibilita a formação dos/as pesquisadores/as e estudantes em técnicas etnográficas da Antropologia Visual, na criação e organização de banco de dados com material coletado em campo e na produção e divulgação de material científico atualizado através de podcasts, documentários, fotografias, desenhos e outras formas gráficas.

Possibilita, também, a formação de comunitários/as em direitos coletivos e a inclusão digital e audiovisual dos/as mesmos/as através de oficinas de fotografia, audiovisual, desenho, comunicação popular, rádio e podcast, e tecnologias digitais. Além disso, o laboratório vem ampliando as ações de extensão e o atendimento das demandas sociais. Dentre estas ações estão as de assessoria técnica junto aos segmentos identitários com os quais trabalhamos e o subsídio à construção de políticas públicas que visam a promoção da cidadania, do desenvolvimento social, da sustentabilidade e da defesa dos direitos dos povos tradicionais.

Referências bibliográficas:

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In. Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 114-119.

_____. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

CARDOSO, Vânia. Marias: a individuação biográfica e o poder das histórias. In. GONÇALVES, Marco Antonio; MARQUES, Roberto; CARDOSO, Vânia (orgs.), Etnobiografia: subjetivação e etnografia. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012, p. 37-60.

CARELLI, Vincent. Video in the Villages: Utilisation of Videotapes as an instrument of Ethnic Affirmation Among Indian Groups, CVA Newsletter, 1988.

_____. Vídeo nas Aldeias: um encontro dos índios com sua imagem. Tempo e Presença, vol. 270, p. 35-40, 1993.

_____. Projeto Vídeo nas Aldeias: um encontro dos índios com sua imagem. Projeto de Pesquisa Integrada/Conselho Nacional de Pesquisa, 1994.

_____. The Project and the documentaries: two distinct and complementary dimensions of the Video in the Villages Project, New York University, Center for Media, Culture and History, 1995

CARELLI, Vincent; GALLOIS, Dominique Tilkin. Vidéo dans les Villages: l'expérience Waiãpi. Lumières Cinéma, 1992.

_____. Cinema e povos indígenas: Experiências. Cinema e Antropologia: Horizontes e Caminhos da Antropologia Visual, Rio de Janeiro, 1994.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

GOLDMAN, Márcio. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia. Revista de Antropologia, vol. 46, n. 02, 2003, p. 445-476.

GONÇALVES, Marco Antonio. Etnobiografia: biografia e etnografia ou como se encontram pessoas e personagens. In. GONÇALVES, Marco Antonio; MARQUES, Roberto; CARDOSO, Vânia (orgs.). Etnobiografia: subjetivação e etnografia. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012, p. 19-36.

HEUSCH. Luc de. Jean Rouch et la naissance de l'anthropologie visuelle: Brève histoire du Comité international du film ethnographique. *L'homme*, n. 180, 2006, p. 43-72.

HIKIJ, Rose Satiko Gitirana. Rouch compartilhado: premonições e provocações para uma antropologia contemporânea. *Iluminuras*, n. 32, 2013, p. 113-122.

INGOLD, Tim. *Lines: a brief history*. Londres: Routledge, 2007.

_____. *Redrawing Anthropology: material, movements, lines*. Londres: Routledge, 2011.

_____. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, n. 37, 2012, p. 25-44.

_____. *Estar vivo: Ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

KOFES, Suely; MANICA, Daniela. (orgs.). *Vida e Grafias: narrativas antropológicas entre biografia e etnografia*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

KOFES, Suely. *Uma trajetória, em narrativas*. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do pacífico ocidental: Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia*. São Paulo: Abril Cultural, 1976. (Original publicado em 1922).

MAUSS, Marcel. *Essai sur le don*. Paris: Presses Universitaires de France, 1988. (Original publicado em 1925).

SCOTT, Joan. A invisibilidade da experiência. *Projeto História – Revista do Programa de Estudos Pós-graduados de História*, v. 16, 1998, p. 16 297-325.

WAGNER, Roy. *The Invention of Culture*. Chicago: University of Chicago Press, 1981.

Sites:

<http://www.videonasaldeias.org.br>

<https://www.youtube.com/user/VideoNasAldeias>

<https://www.youtube.com/watch?v=3-Gz-PCZXiw>

Filmografia:

Os mestres loucos. 1955. Direção: Jean Rouch.

Moi, um noir. 1958. Direção: Jean Rouch.